

## **FESTEJAR EM TEMPO PANDÊMICO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PESQUISA ETNOCENOLÓGICA.**

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. Belém: UFPA/PPGARTES/ICA/UFPA; Doutorado; Orientadora Ivone Xavier. Bolsista Fapema. Secretaria de Estado do Maranhão, SEDUC. Professora.

### **RESUMO:**

A presente comunicação intenta discutir como o cenário pandêmico tem impactado nos estudos no campo da Etnocenologia, sobretudo nas investigações de cunho etnográfico que pesquisam manifestações espetaculares que acontecem no espaço público. Para exemplificar tal conjuntura, trago alguns questionamentos que tem atravessado as camadas da minha pesquisa em andamento, da qual versa sobre uma festa pública que ocorre na cidade de São Luís, Maranhão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festa de São Marçal. Contexto Pandêmico. Etnocenologia.

### **ABSTRACT:**

This communication intends to discuss how the pandemic scenario has impacted studies in the field of Ethnocenology, especially in ethnographic investigations that research spectacular manifestations that take place in the public space. To exemplify this situation, some questions that have crossed as layers of my ongoing research, which is about a public party that takes place in the city of São Luís, Maranhão.

**KEYWORDS:** Saint Marçal Party. Pandemic context. Ethnocenology.

Devido à crise sanitária decretada por conta do Covid-19, muitas festividades espalhadas pelo país tiveram suas celebrações presenciais canceladas. Com isso, novas tipologias festivas foram se configurando e transformando o estar junto em estar junto.com. Fato que pode ser notado, por exemplo, da passagem da rua como lugar de ajuntamento e contatos diversos para a tela do computador conectado on-line, por meio das famosas *lives*, que rapidamente se popularizaram.

Diante desse contexto em construção, algumas dúvidas e novos procedimentos são postos para discussão, sobretudo de como compreender essa nova conjuntura, notadamente a partir do olhar da Etnocenologia, em que as espetacularidades têm se mostram apenas bidimensionais e planas nas telas do computador e celular.

Neste contexto, cabe perguntar também como fica a questão da presença, do estar junto, do afetar-se em campo como pilares necessários para o andamento da investigação etnocenológica? São essas e demais reflexões que busco dividir a partir desta comunicação, assim como os desafios de pesquisar em tempos pandêmicos.

Desta forma, rastreio exercícios que buscam uma grafia que materialize, sem limitar, a escrita como dispositivo de abertura, de um primeiro passo cujo objetivo é elaborar, a partir das minhas vivências, uma narrativa capaz de articular e combinar os fluxos do vivido, do relacional festivo. Com isso, quero dizer que aqui, reelaboro reflexões a cerca da festa estimulada pelos compartilhamentos que tive e, agora, pelas ausências e impossibilidade do estar junto<sup>1</sup>, que se tornaram um modo de ativar um arquivo de memórias festivas aberto a imaginar e inventariar.

**Breves recortes de um tempo não pandêmico:** memórias e narrativas de festejar na rua juntas.

Discorrer sobre contextos festivos anteriores à situação pandêmica se coloca como premissa importante, por ressaltar os aspectos culturais, artísticos, ritualísticos e simbólicos do festejar. Para em seguida, conversar a respeito das reconfigurações do acontecimento festivo atuais, sobretudo as das novas conjunturas, como as suspensões das festas presenciais, assim como os impactos na dinâmica ritualística e coletiva a partir de dois momentos: o primeiro, no período do isolamento físico, compreendido no ano de 2020 e, o segundo, na chamada era da pós-Covid 19<sup>2</sup>, localizada no ano seguinte.

A esse respeito, explico mais a frente com que base foi estabelecida, dentro desta pesquisa, a definição dos dois momentos citados. O que interesse agora, é sublinhar a pluralidade de experiências possíveis e imbricadas nos contextos festivos presenciais, cujos corpos espetaculares que participavam imersos nesses processos revelavam, entre outras coisas, a potência de tais encontros.

As manifestações festivas, principalmente as que acontecem ao ar livre, sofreram consideravelmente com a suspensão do uso da rua como espaço de troca e

---

<sup>1</sup> Refiro-me ao contexto pandêmico instalado pela Covid-19.

<sup>2</sup> Discordo da idéia largamente difundida de “um novo normal”, pois, para mim, se tomarmos como base a normalidade vivida anteriormente e entender a atual conjuntura como uma adaptação daquele modo de viver, altamente irresponsável e desmedido, isto aponta para o desconhecimento dos fatores que nos levaram a este estado atual.

vivências. A rua, como se sabe, é o lugar por excelência dos processos relacionais experimentados como geradores de energia para festejar. Em outras palavras, compreende a festa enquanto plataforma disparadora de encontros e desejos compartilhados.

O distanciamento social instaurado por conta do coronavírus tem redimensionado fortemente esta pesquisa, dando outros caminhos, contornos e atravessamentos a serem considerados neste contexto, sobretudo o impacto da pandemia sobre as experiências festivas contemporâneas. Como alerta Gisele Beiguelman o efeito do ambiente viral acabou por produzir uma “[...] cultura urbana do isolamento, da ojeriza ao contato físico [...]. O espaço público, por isso, foi sua primeira vítima fatal” (pág. 05, 2020).

Enquanto não se pode ficar juntas, a pesquisa busca acionar as memórias itinerantes do tempo vivido na paisagem festiva, presente nas narrativas ouvidas, anotações de campo, nos vídeos gravados e nas *lives* assistidas. Memórias evocadas a partir da superfície caminhável da festa.

Avançando um pouco na discussão, o período junino maranhense é composto por uma temporada de festas com caráter diversificado. Festejar São João, São Pedro e São Marçal fazem parte das práticas devocionais e simbólicas dos grupos de Boi. Conjugando fé, diversão e devoção no território cambiante e híbrido, configurando um campo de estudo substancialmente potente.

Como brincadeira, ritual, divertimento, dança, música e encenação, o Bumba meu boi<sup>3</sup> é uma manifestação cultural bastante festejada no período junino maranhense<sup>4</sup>. E recebe esse nome genérico por conter, como elemento principal, um boi a partir do qual toda a trama se desenvolve. E ao seu redor pessoas, que chamam a si mesmas de brincantes, se juntam para tocar, cantar, batucar, dançar, beber e demais verbos que compõem a gramática relacional dos dias festivos da manifestação.

---

<sup>3</sup> Na capital maranhense, a manifestação cultural Bumba meu boi é conhecida por algumas denominações, mas na presente pesquisa utilizarei os termos: Bumba meu boi, Bumba boi, Boi e brincadeira em concordância com as pessoas integrantes do universo pesquisado que utilizam essas expressões para nomear o que fazem.

<sup>4</sup> A presença do Bumba-meu-boi em terras maranhenses é tão intensa que há variações da brincadeira fora do período junino - no carnaval e no verão, nos municípios do Litoral Ocidental Maranhense. Os Bois de carnaval utilizam instrumentos de percussão e podem reproduzir toadas intercaladas com marchas carnavalescas. Saem pelas ruas da cidade nos três dias de Momo, com indumentária característica dessa festa, sem qualquer relação com os santos juninos. Tem-se notícia de Bois de São Luís que ensaiavam ou se apresentavam durante os dias de Carnaval no final do Século XIX. (IPHAN, 2011, p. 23)

**Imagem 01 e 02: Corpos brincantes na Avenida São Marçal.**



**Fonte: Danielle Fonsêca, 2018.**

No que diz respeito ao ciclo festivo da brincadeira, em especial, a Festa de São Marçal ou Encontro dos Bois, como também é conhecido, é uma festividade praticada como reunião de grupos de Bumba meu boi de Matraca<sup>5</sup>. Em média, aproximadamente vinte e cinco grupos de Boi comparecem e caminham na festa, que começa na alvorada do dia 30 de junho e não tem hora certa para acabar, invadindo a madrugada do dia seguinte, como sempre.

Cabe lembrar, além disso, que os grupos do Boi de Matraca são provenientes da região metropolitana de São Luís, mais precisamente e em grande maioria se concentra “na zona rural de São Luís, de Paço do Lumiar e São José de Ribamar” (IPHAN, 2011, p. 98). A respeito dos que organizam e vivenciam a brincadeira do Bumba meu boi, em geral, são de várias partes da região metropolitana de São Luís, residindo, em sua maioria, em bairros periféricos, quando não, morando em áreas rurais.

Essa cartografia social do Bumba meu boi, situa, em partes, as condições vividas pelos brincantes, cujo perfil é composto por pessoas economicamente vulneráveis, que, em sua maioria, trabalham em condições informais de trabalho. Essas pessoas se organizam de maneira muito intensa a cada etapa da vivência boieira<sup>6</sup>, o que leva a crer que essas mobilizações são compreendidas como um “prolongamento de suas existências” (FONSÊCA, 2015, p. 22). Neste caso, dou nome aos Bois por sua

---

<sup>5</sup> Faz referência à localidade dos Bois. A Grande Ilha de São Luís, conhecida também como região metropolitana, compreende os municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e Alcântara.

<sup>6</sup> Que faz parte do universo do Bumba meu boi.

relevância dentro da dinâmica existencial da festa, sobretudo por serem caminhantes festivos há mais de noventa anos<sup>7</sup>.

A Festa de São Marçal é compreendida como potência do ajuntamento que ocupa a rua. Neste sentido, a rua em que a festa caminha destaca os tipos de sociabilidades dos corpos que se cruzam, se tocam e como reelaboram seus percursos afetivos a partir dos atravessamentos existentes na rota do fenômeno espetacular em questão. Sem esquecer, que, como toda festividade, a Festa de São Marçal é o encontro das diferenças, dos conflitos e negociação, trocas friccionadas que a presença do outro eclode na rua.

**Imagem 03: Passagens.**



**Fonte: Danielle Souza, 2016.**

Com a mesma curiosidade, ativo, devido ao contexto pandêmico, o interesse no que circunda a respeito das pesquisas acerca dos ambientes virtuais, notadamente a partir da netnografia – uma etnografia virtual – como alternativa de dar continuidade aos meus processos investigativos, uma vez que o distanciamento social e as medidas restritivas ainda são recomendações a serem respeitadas.

Recentemente duas edições online da Festa de São Marçal foram realizadas. É nesse chão virtual e conectado que passo a caminhar pela festa a partir de agora e pela primeira vez. Pesquisando em tempos de incertezas e circundando paisagens mediadas pela tela – TVs, computadores e celulares, tentando vislumbrar os corpos brincantes presentificados em suas ausências. Diante deste cenário, dou um *click* no *link* e me deixo atravessar pela festa que começou a ser transmitida pelo *Instagram*.

---

<sup>7</sup> Há informações que o início da festa se deu no ano de 1929.

## **Novas tipologias festivas para um tempo pandêmico e profundamente caótico: desafios vividos e por vir.**

A pandemia da Covid-19 disparou o sinal de alerta no mundo, que há tempos estava acionado, dando exemplos de micros catástrofes espalhados pelo planeta, cujas causas estão interligadas às causas ambientais e a ação predatória impulsionada pelo sistema neoliberal racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno (RUFINO, 2019). A sociedade capitalista contemporânea, de alta produção e consumo, nos deixou vulneráveis a um vírus. Tal experiência humana global de horror, cujas circunstâncias avassaladoras foram sentidas, da pior forma possível, em diversas camadas da vida social, sem conseguir saber, de imediato e ao longo prazo, das suas consequências para o planeta como um todo.

Dada a emergência de saúde pública de caráter internacional, o isolamento físico e a quarentena foram recomendações dadas pela Organização Mundial da Saúde, como alternativa possível para barrar a transmissão do vírus, fato que gerou discussões e debates acerca dessa medida. No Brasil, como se sabe, infelizmente, a aceitação dos protocolos sanitários não foi uma marca da gestão do presidente Jair Bolsonaro frente à pandemia. No entanto, a população brasileira entendeu a importância de seguir as medidas de proteção para evitar a disseminação do vírus, devido ao alto poder de contágio e sem tratamento preventivo comprovado.

Tal contexto, fortalece ainda mais o projeto necropolítico brasileiro, atualizando o conceito do pensador camaronês Achille Mbembe (2018), instaurando condições desiguais entre os grupos sociais, sobretudo a partir do chamado isolamento social como conduta sanitária para barrar o avanço do novo coronavírus, com seu potencial letal e altamente contagioso. Contudo, a pandemia trouxe mais à tona as desigualdades, expondo os abismos sociais existentes e, por exemplo, o aumento alarmante da fome e pobreza. Trabalhadores e trabalhadoras com empregos informais, que não podem efetuar seu trabalho remoto de casa.

A esse respeito faço um paralelo com o cronograma de festividades espalhados pelo país, no qual a maioria dos brasileiros e brasileiras tirava seu sustento e, que devido, as restrições sanitárias ficou impedidos de vender cerveja, comida e outros produtos que circulavam no ambiente festivo.

O calendário festivo nacional, dada as proporções continentais do país, é extenso, dinâmico e diverso. Neste caso, cada manifestação cultural, de acordo com sua realidade local, dimensão simbólica e estrutura festiva, teve que passar por processos de adaptação frente às novas dinâmicas instauradas pela pandemia da Covid-19. O perigo da contaminação massiva foi o maior impedimento dessas festas, visto que muitas delas reúnem centenas de pessoas em suas celebrações.

Neste sentido, o governo estadual, diante do contexto inviável e imprudente de fazer a temporada junina, cancelou oficialmente o São João. Nada mais natural para uma atividade que depende da aglomeração. Tal medida estava alinhada com as medidas mais restritivas, o chamado *lockdown*, decretado desde março de 2020. O cenário junino maranhense se viu, pela primeira vez, acredito, impossibilitado de festejar Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal.

Em meio à pandemia do novo coronavírus, alternativas foram sendo gestadas para que os aspectos simbólicos e ritualísticos pudessem ser manifestados, pensando, é claro, no menor impacto financeiro possível dessas manifestações culturais. No âmbito social da brincadeira, as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos grupos de Bumba meu Boi são expressivas, uma vez que na manifestação do Boi a vulnerabilidade social esta presente, pois a maioria das pessoas que brinca é de origem simples.

No caso específico da festa investigada, obviamente esforços tiveram que ser empreendidos por parte de seus organizadores, para não deixar de celebrar São Marçal. Em outras palavras, mobilizações foram elaboradas para fazer da festa, apesar das circunstâncias, o momento de encontro diante da nova realidade, buscando estabelecer um canal de interatividade por meio da conexão direta com o público. Nesse contexto, a festa passou a ser realizada em ambientes virtuais e redes sociais específicos, geralmente escolhidos por seus idealizadores e que se apresentaram como principais meios de veiculação de suas produções.

Sem festa presencial por dois anos consecutivos, porém realizadas de formas remotas, a Festa de São Marçal pode circular virtualmente em algumas casas e lares, outra opção festiva foi a realização de passeatas de veículos automotores. Tais formatos exploraram outras possibilidades, fazendo o ato de festejar se configurar de modos distintos, lançando fluxos e movimentações outras para a festa em questão. Tais circunstâncias abriram espaço para um novo tipo de festejar, como fenômeno que caracteriza a época pandêmica.

No começo do texto, apresentei a criação de dois formatos de festas experimentados em anos distintos no dia de São Marçal. Sendo assim, apresento a *live* como modelo festivo vivenciado no ano de 2020, tal formato foi bastante difundido por se adequar melhor ao primeiro ano da pandemia no país. Cujo horizonte incerto, na época sem perspectiva de vacina, leitos das UTIs em sua lotação máxima e, como se não bastasse, o caos político, foi capaz de ensejar e potencializar práticas culturais mais relacionadas ao confinamento, respeitando os protocolos de segurança da época.

Já no ano seguinte, sobretudo a partir da aplicação da primeira dose da vacina, aponto para uma mudança substancial no modo de pensar no campo pandêmico festivo. As tipologias passam por transformações, que consistem na retomada, aos poucos e com cautela, da presença reduzida do público em tais fenômenos. Como caso exemplar, menciono a prática da romaria como variedade festiva. Nela, uma multidão composta, geralmente por carros e motos compõe uma carreata em direção alguns bairros da região metropolitana da capital.

Se antes o modelo da festa de São Marçal se dava a partir da caminhada pela sua paisagem festiva, cujo deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração espacial do bairro João Paulo, apresentava muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas. Nos dois últimos anos, com as transformações em curso, os dois modelos descritos confirmam a dedicação, persistência e mobilização dos grupos de Bumba meu Boi em resignificar seus rituais e sua f(é)sta.

Para a compreensão desse fenômeno que ganhou nova visibilidade graças ao isolamento social, o que inicialmente foi visto como um quadro de impossibilidades, aos poucos e, principalmente a partir da mobilização dos brincantes, a compreensão da quarentena como oportunidade foi se fortalecendo. A proliferação do uso de outras práticas interativas até então não experimentadas, reinventaram formas de se relacionar com o público, usando da criatividade para superar este momento. E na pandemia, se tornaram nossa única alternativa de manutenção do bem-estar pessoal e do equilíbrio emocional.

**Da Avenida São Marçal para o sofá de casa: a *live* e os afetos em rede.**

O fenômeno das *lives*, que são transmissões ao vivo de áudio e vídeo na internet, aconteceu de forma rápida no mundo todo e se popularizou em diversas frentes, interesses e arranjos. No campo artístico, talvez as *lives* tenham alcançado maiores adeptos e seguidores, em que shows de artistas, grupos musicais – dos mais diversos gêneros – e teatrais buscaram levar momentos para divertir e conectar mais a pessoas, assim como uma alternativa para amenizar os impactos negativos dos efeitos econômicos causados pela pandemia.

Em termos práticos, a *live*, como fenômeno cibercultural da era pandêmica da COVID-19, foi a alternativa encontrada de festejar São Marçal. A edição virtual da festa foi organizada, produzida e compartilhada pelo grupo Bumba meu boi de Maracanã, sendo transmitida ao vivo, pelo canal do grupo por meio da plataforma de vídeo, conhecida como *Youtube*.

A live foi chamada de 2ª Live Solidária - Especial São Marçal<sup>8</sup>, marcada para começar às 16h, dia 30 de junho, terça-feira. A *live* pode ser vista no canal do Boi de Maracanã Oficial, juntamente com outros materiais audiovisuais da brincadeira. Tal plataforma oferece a possibilidade de várias pessoas assistirem simultaneamente a *live*, como acessá-la posteriormente, dado que o vídeo fica disponível na plataforma para visualização.

Com duração de três horas e treze minutos, a *live* contou com convidados e apresentadores, afinal de contas, a finalidade da *live* tinha uma razão social importante: arrecadar donativos e doações em dinheiro para famílias de maior vulnerabilidade social. Sendo que muitas dessas famílias, nem puderam acompanhar a *live*, visto que muitas não possuem acesso à tecnologia móvel conectada à internet.

O caráter solidário da *live* expressa os esforços colaborativos com a finalidade de assegurar uma melhoria na qualidade de vida, mesmo que mínima, diante das desigualdades sociais agravadas pela pandemia. Talvez tenha sido esse o fator da duração prolongada da *live*. Pois, como se sabe, o tempo extensivo foi uma alternativa encontrada para angariar mais recursos financeiros às famílias necessitadas.

O cenário montado para a *live* foi cuidadosamente planejado, lembrando um típico arraial com adereços juninos como balões iluminados e bandeirinhas verdes e amarelas, cores que representam a brincadeira. Além disso, o Boi de Maracanã contou

---

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=AYM9\\_SCg5O8&t=1017s](https://www.youtube.com/watch?v=AYM9_SCg5O8&t=1017s). Acessado em 24/09/2020 às 20:15.

com aparato profissional e técnico de som, luz e ambientação. Contudo, infelizmente, algumas vezes a *live* foi interrompida por conta de quedas da internet. Situação essa, que a pandemia nos fez, ainda mais, entender como algo que nada se pode fazer.

**Imagem 04: Integrantes da parte musical do Boi de Maracanã.**



**Fonte: Frame de vídeo do canal do grupo na plataforma Youtube, 2020.**

A disposição espacial da apresentação do grupo foi delimitada a partir do enquadramento das câmeras, uma fixa e outras duas circulando entre os brincantes. Na tentativa de trazer a festa para mais perto, passando a ideia que nós, à distância, estivéssemos bailando conjuntamente, num misto de alegria e nostalgia pela situação que nos encontramos.

No meu caso, assistir a *live* causou em mim a rememoração de outras festas. Tal situação me faz disparar estranhamentos necessários para uma reflexão mais atenta e cuidadosa, como pesquisadora e caminhante festiva de São Marçal, ao ver a transmissão ao vivo vou acionando memórias afetivas das outras festas. Memória sobre memória. Ao me sentir perdida na prática imersiva online, sem saber como aquela experiência ocorreria, mas que, aos poucos, foi se abrindo para o movimento instaurador de juntamentos outros, sendo possível estabelecer novas conexões possíveis.

A topografia sensível da festa ainda é possível ser acessada pela rememoração dos meus pés, sinto ainda a trepidação da Avenida, mas agora é meu olhar, junto com o

corpo, que me permitem mover e acessar outras relações. Sendo assim, abro os poros para as circunstâncias que se colocam nessa imersão de modo ativo, produção que impregna o corpo de festa. Entendo que são zonas fronteiriças, de limites borrados.

Não sei muito bem o que acontece, como tentar definir o que ocorre. Nomear uma sensação. Isso é possível? Nem tudo tem nome. D(en)ominar. Quando você deixa de nomear e dar-se em sensação, um não-saber sentido é posto em experimentação. No entanto, mesmo sem atribuir nomes, compreendo que sinto que as visualidades, online e em tempo real, atravessam meu corpo, caminhando, penetrando e rasgando minhas musculaturas, afrouxando o meu riso, ampliando meu olhar, deixando minhas pernas confusas e cambiando meu eixo de sustentação.

Ao ver o bailado dos brincantes, no caso, as índias, o cabloco de fita e de pena, ficava perplexa com o estado de permanente criação dos diversos corpos participantes daquela *live*, notadamente suas maneiras espontâneas e vivas de circular. Cada corpo brincante espetacularizava sua existência de forma singular. Ser festa, corpo como festa. Festa brincada. É um corpo em estado de criação-festa constante, que vivencia múltiplos caminhos de geração de novos sentidos. É o ser festa em toda a sua potência. Em outros termos, é no aqui-agora que novas potências do agir acontecem.

**Imagem 05: Índias e caboclo de fita do Boi do Maracanã.**



**Fonte: Frame de vídeo do canal do grupo na plataforma Youtube, 2020.**

**Imagem 06: Cablocos de pena com o boi ao centro.**



**Fonte: Frame de vídeo do canal do grupo na plataforma Youtube, 2020**

A rotatividade de visitantes na *live* também foi observada, em linhas gerais, com o interesse em conhecer, um pouco, do público que frequenta a festa e que escolheu a *live* para matar um pouco da saudade. Portanto, meu intuito era ver amostras de mensagens que fizessem menção à Festa de São Marçal, atentando para o conteúdo e intenção ao comunicar algo. Para saber dessa informação acompanhei as mensagens dos participantes no *chat* da plataforma do *Youtube*. Como podemos ver abaixo, trago essa mensagem de apoio escrita por uma participante que acompanhava a transmissão.

**Imagem 07: Tudo vai dar certo.**

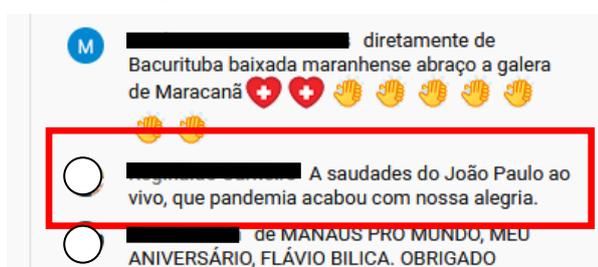


**Fonte: Frame de vídeo do canal do grupo na plataforma Youtube, 2020.**

A devoção a São Marçal é muito intensa dentro da dimensão simbólica do Boi. Em especial pelo fato do santo não ser reconhecido oficialmente pela Igreja Católica, tal fato não impede a relação de intimidade do brincante com o santo, que, sempre quando se tem a oportunidade de manifestar agradecimento, não esconde o interesse em fazê-lo. No universo da religiosidade, cada brincante compreende e manifesta sua crença e fé de modo muito particular.

Outro tópico bem recorrente no *chat* foram as mensagens em tom de nostalgia a respeito da Festa de São Marçal. Elas demonstram como uma rede de afetos pode ser nutrida em tempo tão complexo, gerando, por outro lado, gatilhos de saudade do período junino. Como podemos ver no relato abaixo.

**Imagem 08: A saudade do João Paulo.**



**Fonte: Frame de vídeo do canal do grupo na plataforma Youtube, 2020.**

Ao acompanhar tanto o *chat*, quanto a transmissão era visível na voz do cantador do Boi, nas escritas das mensagens, o quanto importante era aquele evento. Estar juntas de outra forma ativa, em grandes proporções, a saudade do encontro pautado pela presença física. Festejar São Marçal tem sido um ritual diferente nos últimos dois anos, mas que em cada deles, a fé, a diversão e o desejo de manter a tradição viva é o que torna todo esse contexto incerto, de algum modo, suportável e ao, mesmo tempo, esperançoso. Viva São Marçal em todas as suas celebrações possíveis!

Antes de encerrar esta secção é importante destacar, que no dia de São Marçal, em ambos os anos, alguns grupos de Bumba Meu Boi fizeram *lives* de comemoração à passagem da data, em horários e formatos distintos. Os grupos, em sua maioria, optaram pela rede social Instagram para transmissão instantânea de sua celebração. A escolha pela plataforma como canal de divulgação se deve, em partes, ao fato de sua facilidade, sendo considerado um das mais acessíveis em termos financeiros e de funcionalidades,

principalmente no gerenciamento de determinadas ferramentas de captação de áudio e vídeo deste segmento.

A esse respeito, destaco que as *lives* são produzidas de maneira simples e caseira, geralmente no quintal ou no barracão da sede do Boi. A transmissão é feita por celular *smartphone* com acesso à tecnologia móvel conectada à internet. Muitas *lives* contam com dificuldade em sua transmissão, sobretudo em estabelecer uma conexão de internet de qualidade. Gerando, em alguns momentos travamentos na imagem ou quedas no sinal da internet.

Em geral, como as *lives* são permeadas de danças, coreografias e outros movimentos rítmicos característicos dos grupos de Boi, o borramento na imagem transmitida online passa a ser assumido como uma estética do instante, dos rastros dos corpos que se movem e que a pouca conectividade da internet não dá conta. Geralmente são os grupos que administram organizam, criam, gerenciam e divulgam seus eventos.

Portanto, essas experiências conectivas demonstram os desafios assumidos em lidar com a ausência física, em que a mediação tecnológica e suas formas de interação foram amplamente experimentadas. No entanto, a partir de agora vou descrever outro modelo assumido, sendo este colocado em prática como modo de diminuir as interações à distância.

**Romaria:** por um estado festivo em deslocamento e na movência.

Para início desta seção, gostaria de chamar atenção para o caso particular dessa forma de festejar. Comumente associada a uma prática religiosa católica, a romaria, neste estudo, não se aproxima em nada com a celebração litúrgica e nem faz uso de nenhum santuário. Afastada das práticas do catolicismo institucional descrita rapidamente, a espacialidade movente evocada pela romaria em nada impede a manutenção de uma relação particular de compromisso do brincante com o santo.

No caso da romaria de São Marçal podemos analisar sua ocorrência de duas formas: a primeira é que ela continua a ser transmitida online, pensando no público que não pode acompanhar a romaria, por diversas razões. A segunda, pela a romaria em si, que, neste caso, será o foco de entendimento da prática assumida pelos grupos de Boi para festejar São Marçal no segundo ano de pandemia.

No caso de 2021, a romaria foi organizada pelo grupo de Bumba meu Boi da Maioba. A concentração da romaria aconteceu no centro da cidade, mais precisamente na Praça Maria Aragão, no período matutino. O Boi da Maioba contou com a ajuda de um carro de som para puxar os brincantes, público em geral e os simpatizantes do Boi para celebrar a data e manter viva, de algum modo, a festa de São Marçal.

Antes de chegar ao João Paulo, a romaria circulou por alguns bairros da capital. Como a ação foi bastante divulgada pelas redes sociais e mídia local, incluindo o percurso adotado pela brincadeira, muita gente ia se juntando à romaria aos poucos. Quanto mais a romaria avançava em sua quilometragem, mais gente podia ser vista, adicionando ao corpo festivo uma dimensão hiperbólica. Todo esse deslocamento foi transmitido em *live* pelo *Instagram* do Boi da Maioba.

**Imagem 09: Início da romaria festiva.**



**Fonte: Frame de vídeo da TV Mirante na plataforma Globoplay, 2021.**

No que se refere ao material imagético desta seção, trago frames de vídeo da reportagem produzida pelo JMTV<sup>9</sup> 2ª edição, vinculada na noite do dia 30 de junho. Em que discorre sobre a romaria, bem como da importância em se festejar São Marçal para o maranhense. Tal escolha foi motivada pelas imagens aéreas produzidas para compor a reportagem, dando, grosso modo, a dimensão celebrativa e simbólica que a romaria passou a ter. Outra fonte são *prints* da *live* ocorrida no *Instagram* do grupo. É neste

<sup>9</sup> A TV Mirante é a filiada da Rede Globo de Televisão.

último, que pude acompanhar, em partes, a celebração de São Marçal, principalmente quando a romaria chega ao território festivo, no bairro do João Paulo.

O carro de som era o condutor da cerimônia, nele estava o cantador oficial do Boi, conhecido como Marquinhos e demais componentes do Boi. Poucas pessoas, diga-se de passagem, em respeito aos protocolos de segurança sanitária. Em cima do carro, que lembra um trio elétrico, Marquinhos canta várias toadas do grupo, saudando quem por ele passa, dedicando a poesia musicalizada do Boi a quem passa pela rua, pegando de surpresa o caminhante desavisado.

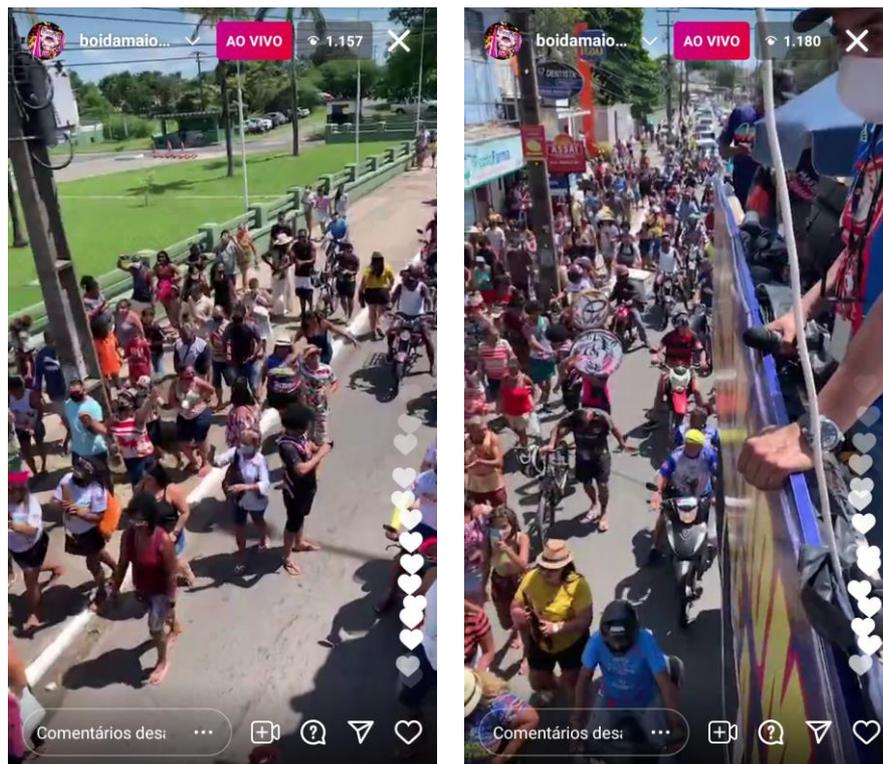
Entre uma toada e outra, os que comandavam a festa falavam da finalidade da romaria, exaltando a relevância de estar naquela movência festiva, fortalecendo a relação devocional com São Marçal. Alertando também aos que estavam na romaria em seus carros, a evitar cometer infrações de trânsito, sem ultrapassagens indevidas e, sobretudo, respeitando as motos e bicicletas que acompanhavam a festa móvel.

Com a proximidade da Avenida São Marçal, fogos de artifícios anunciam o começo da festa, se assim podemos chamar. Pelas imagens capturadas na *live*, quando o carro de som ingressa na Avenida, uma quantidade considerável de pessoas começa a acompanhar o carro de som, dando a entender que estavam esperando pela passagem do Boi da Maioba. Ali a velocidade da romaria é diminuída, mas não ao ponto de atrapalhar o trânsito do local, pois a Avenida não foi interditada para a passagem da romaria, diferentemente de quando acontecia a festa.

Pela transmissão no *Instagram* foi possível notar aglomerações, contudo, o que se viu foram pessoas usando máscaras, na verdade, algumas delas. Infelizmente, no decorrer da transmissão foi possível ver gente, geralmente homens sem nenhum tipo de proteção no rosto. Naquele contexto, era facilmente visível a dificuldade em respeitar o distanciamento social, por mais que o Boi da Maioba chamasse atenção, de cima do carro de som, tal ação não foi realizada.

Com a presença da romaria na Avenida São Marçal percorrendo cada metro quadrado daquele lugar (in) festado de memórias. O território festivo pulsava de outra forma, inclusive acionando outras experiências, que se aproximavam, em menor ou maior grau, da *live* da festa vista no anterior. Agora e de volta, os corpos intencionados a festejar ocupam o espaço e são ocupados por ele.

**Imagem 10 e 11: Detalhes do grupo que acompanhou a romaria a pé.**



**Fonte: Frame de vídeo da transmissão do Boi da Maioba pela plataforma *Instagram*, 2021.**

Estimulada por esse contexto, substancialmente potente, vou compondo formas de dizer, a partir dos fragmentos que acesso pelas imagens transmitidas. Ao ter uma visão privilegiada de cima do carro de som em direção à Avenida, pude notar a frequência do encontro e como a dilatação festiva rasga a malha urbana a partir do deslocamento mínimo, consequência do distanciamento social. Minúsculo devido ao ajuntamento dos corpos, amontoado de gente, tocando a pele do chão de forma devagar e amálgama, quase parando.

As memórias urbanas da festa promovem um profundo diálogo com experimentações do presente, produzindo trocas intensas entre seus praticantes. Neste movimento, vários dizeres e fazeres são evocados e caminham para o entendimento das espetacularidades festivas e moventes que ocupam a rua, que, aos poucos, deixam seus confinamentos para se juntar novamente.

Pelo exposto, não sei dizer se a romaria veio para ficar e fazer parte das dinâmicas ritualísticas e festivas do Bumba meu Boi maranhense. Ao que se pensa a experiência para quem assistiu pelo *Instagram*, acompanhando a romaria ou estando presente na Avenida São Marçal, apesar de vivências distintas, todas elas adicionam ao

repertório festivo, mais uma tipologia capaz de oferecer momentos de celebrar São Marçal. No entanto, o desejo comum das pessoas que comemoram o dia 30 de junho nesses últimos anos converge em um ponto: que a rua seja o território festivo, cultural simbólico por excelência e que nele possamos nos ver novamente, fazendo do encontro um modo de com-partilhar a vida.

### **Outras festas para depois**

Este texto se configurou como um arquivo de memórias festivas e afetivas. O que se buscou aqui foi conversar a respeito dos formatos que algumas festas assumiram, principalmente a Festa de São Marçal, que acontecia no espaço público e (in) festava a rua com bastante gente. A partir do contexto da Covid-19 a festa passa a ser festejada de uma maneira diferente, ela está ao alcance de qualquer indivíduo com celular e acesso à internet e que tenha acesso às redes sociais e outras plataformas digitais.

A discussão objetivou compreender como as *lives* e as romarias reinventaram os modos de produzir novas experiências festivas e se constituíram como alternativa possível de festejar e celebrar juntamente com os grupos de Bumba meu Boi, transformando a paisagem festiva em um espaço de trocas afetivas, criação e geração de outros mundos possíveis online.

Paro, por hora, sem pretensões conclusivas, lançando a possibilidade de uma pausa na conversa, mas que sua finalização. Ao colocar as questões acima vejo um pouco da incompletude de algumas proposições, mas entendo que a processualidade evoca esse estudo, ainda mais no contexto pandêmico, que traz consigo um efeito incerto sobre a vida, compreensível.

Sendo assim, rastros, ruídos e sobras que estão nesta escrita são pontos importantes, pois são eles que movem e intensificam a pesquisa. No mais, a caminhada continua online, apesar de uma pequena parada agora, dado ao confinamento físico, pois o momento pede que eu perceba um pouco da paisagem, paragem e passagem que venho experimentando. Até mais! Viva o SUS! Use máscara e não esqueça do álcool em gel.

## REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: E Cidade, 2020.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009

CARVALHO, Maria Michol P. **Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu-boi do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1995.

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. **Tem mascarado na festa de São Marçal: o brincante de Pai Francisco no Bumba meu Boi em São Luís, MA**. Programa de Pós-graduação em Arte Contemporânea, Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 2015.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.